

Seção Relato de Encontro

I Seminário Internacional de Pesquisa: Experiências Poéticas e Políticas do Sensível

*I International Research
Seminar: Poetic and
Political Experiences
of the Sensible*

Gisele Dozono Asanuma¹
Eduardo Augusto Alves de Almeida²
Renata Monteiro Buelau³
Isabela Umbuzeiro Valent⁴
Arthur Calheiros Amador⁵
Mariana Louver Mendes⁶
Eliane Dias de Castro⁷

1.
Doutoranda pelo PGEHA/USP;
Mestre em Psicologia Clínica
pelo núcleo de subjetividade
da Pontifícia Universidade
Católica (PUC/SP), possui gradu-
ação em Terapia Ocupacional
pela Universidade de São Paulo.
E-mail: gisele.asanuma@gmail.
com

2.
Mestre e Doutorando pelo
PGEHA/USP, Especialista em
História da Arte pela Fundação
Armando Álvares Penteado
e Bacharel em Publicidade,
Propaganda e Marketing pela
Universidade Presbiteriana
Mackenzie. E-mail: eduardun@
hotmail.com

3.
Mestre pelo PGEHA/USP,
Terapeuta Ocupacional do
Laboratório de Estudos e
Pesquisa Arte, Corpo e Terapia
Ocupacional – Programa
Composições Artísticas e Terapia
Ocupacional (PACTO) da USP.
E-mail: renatabuelau@yahoo.
com.br

4.
Doutoranda pelo PGEHA/
USP com estágio sanduiche no
Centro de Estudos das Migrações
e Relações Interculturais da

Resumo

O texto que se segue apresenta o Grupo de Estudo e Pesquisa das Poéticas e Políticas do Sensível (GEPPPS)⁸, do Programa Interunidades de Pós-Graduação em Estética e História da Arte (PGEHA), e um breve relato sobre o I Seminário Internacional de Pesquisa: Experiências Poéticas e Políticas do Sensível, organizado por esse grupo em parceria com o Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional, ambos da Universidade de São Paulo, realizado em 31 de agosto de 2015, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

Universidade Aberta de Lisboa (CEMRI – UAb). Bacharel em Terapia Ocupacional pela USP. E-mail: isabelauv@gmail.com

5. Mestre e Doutorando pelo PGEHA/USP e Bacharel em Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes. E-mail: arthurc.amador@gmail.com

6. Mestranda pelo PGEHA/USP, possui graduação em Terapia Ocupacional pela Universidade de São Paulo. E-mail: ma.louver@gmail.com

7. Mestre em Artes e Doutora em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Pós-doutorado com auxílio pesquisa da FAPESP e participação no Laboratório de Psicologia da Arte do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Atualmente é Professora Doutora do PGEHA/USP. E-mail: elidca@usp.br

8. O Grupo de Estudo e Pesquisa das Poéticas e Políticas do Sensível (GEPPPS) é composto por todos os autores

Grupo de estudo e pesquisa das poéticas e políticas do sensível (GEPPPS)

O GEPPPS surgiu em 2011, a partir do encontro de pesquisadores do PGEHA orientados pela professora Dra. Eliane Dias de Castro. Reúne artistas, educadores, produtores culturais, escritores, críticos, professores, terapeutas ocupacionais e acompanhantes terapêuticos, com objetivo comum de refletir e instaurar composições e trocas intensivas sobre a construção de pesquisas teóricas, poéticas e práticas artísticas. Entre os temas de interesse do GEPPPS que serviram de disparadores para a organização do I Seminário Internacional de Pesquisa se destacam: poéticas e políticas do sensível; experiências na interface da arte e da saúde; produção de subjetividade; linguagens e poéticas artísticas; memórias, histórias, narrativas e formas de emancipação.

Relato do seminário de pesquisa

O intuito do encontro foi produzir uma ativação do pensamento e da sensibilidade por meio da apresentação de experiências poéticas desenvolvidas em diferentes contextos. De modo a acompanhar maneiras de ver, pensar e fazer arte, clínica e cultura nos dias atuais, e a partilhar suas ressonâncias políticas na sensibilidade. O convite para a composição do seminário, feito a Gina Ferreira, Lula Wanderley, Hugo Cruz e Paula Maracajá, foi pensado conforme um desejo comum de compreensão e de atuação no contemporâneo pela perspectiva da saúde, da clínica, da estética, da teoria, da crítica e/ou da produção de arte – campos que acabam por se aproximar, coincidir e mesmo compartilhar aqueles pontos de interesse.

A Dra. Eliane Dias de Castro abre as falas da mesa, apresentando sua experiência na Universidade de São Paulo, na participação e criação do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional, e seu projeto didático-assistencial, o Programa Composições Artísticas e Terapia Ocupacional do Curso de Terapia Ocupacional

(PACTO), que, em seus 20 anos de existência, agrega estudantes e pesquisadores de diferentes formações em projetos de pesquisa e de intervenção sociocultural, os quais se desdobram em produções teóricas e experiências práticas na cidade de São Paulo.

Como em toda produção desejante, muitas linhas de força convidam os pesquisadores e estudantes a pensarem mais radicalmente sobre temas que, numa artesanaria processual e coletiva, contribuem para o campo que vem sendo denominado *interface arte, saúde e cultura*. Dentre eles, alguns ganharam ênfase no seminário: a transdisciplinaridade; as experiências de criação e intervenção prática; as aproximações: arte e clínica, arte e vida, arte e política; e o entrelaçamento entre práticas estéticas e produção da vida coletiva. Eliane aponta que foram as intensidades, as curiosidades, as inquietações, os questionamentos e também as indignações críticas que inscreveram um “estado de pesquisa” neste vasto grupo, impulsionando-o a produzir e a buscar interlocutores – pessoas e experiências –, que potencialmente constelam uma dialógica sensível, provocam aberturas e novos questionamentos para fortalecer continuidades que podem seguir (e seguem) em diferentes direções.

Assim tem sido a construção cotidiana da experiência do PACTO, e assim foi também a disposição que realizou este seminário. Sua abertura traduziu as ressonâncias dessas experiências de pesquisa como mais uma aventura de “invenção-criação” de territórios clínicos-artísticos-existenciais, afirmando a multiplicidade de camadas, fluxos, ramificações e dispositivos que são engendrados nas pesquisas e práticas. As novas conexões produzidas com os palestrantes e, em seguida, com os pesquisadores convidados a realizar um debate com os trabalhos, ampliaram o pensamento e a ação dos participantes, e mobilizaram relações, afetos e mudanças, adensando a compreensão de uma concreta *partilha do sensível*, utilizando aqui a expressão do filósofo Jacques Rancière.

Eliane passa a palavra para Gina Ferreira, mestre e doutoranda em Psicologia Social na

Universidade de Barcelona. Gina trabalhou com Nise da Silveira e Lygia Clark nos anos 1960 e 1970, e atualmente é supervisora clínica no Instituto Municipal Nise da Silveira e supervisora de clínica- institucional da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Ela apresenta duas experiências em seu percurso: a primeira, intitulada *Lygia Clark e um outro*, trata da ação clínica/poética realizada por ela a partir do trabalho *Estruturação do Self*, elaborado pela artista Lygia Clark nas décadas de 1970 e 1980. Gina primeiro se aproximou daquela experiência terapêutica como participante, depois passou a trabalhar com o método na atuação clínica e a cuidar de certo legado da artista, falecida em 1988.

Na sequência, a palestrante fala sobre o *Cinema na Cidade do Manicômio: uma intervenção cultural*. Experiência que realizou na cidade de Paracambi, em 2011, na qual a praça pública serviu de espaço de convívio, numa estratégia política de integração social, a reunir a comunidade local e os internos do manicômio da cidade, com uma sustentação cuidadosa empenhada para não reificar estes últimos no lugar de pacientes. A partir da curadoria e da exibição de filmes brasileiros, o cinema na praça instaurou uma experiência coletiva com os moradores da cidade e se tornou um grande articulador cultural e transformador do imaginário social.

Lula Wanderley, artista plástico, psiquiatra e psicoterapeuta, também trabalhou com Nise da Silveira na Casa das Palmeiras e no Museu de Imagens do Inconsciente, e contribuiu com Lygia Clark na transposição dos Objetos Relacionais para uma proposta psicoterápica junto a esquizofrênicos em hospitais psiquiátricos. Com a palestra intitulada *Construção de uma psiquiatria poética I*, ele compartilha a experiência produzida no Espaço Aberto ao Tempo, no Rio de Janeiro, onde desenvolve pesquisas sobre tratamento de psicoses utilizando linguagens artísticas como instrumentos para ampliar a comunicação e instaurar experiências poéticas. Em suas intervenções clínicas, Lula costuma incluir a *Estruturação do Self* na composição dos tratamentos

dos pacientes, em conjunto com as demais terapias clínicas e com outros métodos psiquiátricos.

Ele também exibiu alguns vídeos sobre o *Sistema Nervoso Alterado*, projeto que reúne usuários do sistema público de saúde com objetivo de criar e, posteriormente, apresentar à comunidade trabalhos musicais e performáticos. Sua ênfase nas estruturas vivas, na incorporação dos gestos e nos laços que conectam a comunicação entre os participantes coloca em movimento a experiência de reatar os vínculos da arte com a vida, e provocam uma sensação afetiva, um certo prazer para habitar a realidade existente.

Hugo Cruz, psicólogo e diretor artístico de *A PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural e coordenador do Núcleo de Teatro do Oprimido do Porto*, envolvido com práticas artísticas comunitárias, apresenta algumas experiências de teatro desenvolvidas em diferentes contextos sociopolíticos de Portugal. Entre eles, o trabalho conjunto com aproximadamente 45 internos do Estabelecimento Prisional do Porto, que produziu, em 2010, o espetáculo “Entrado”, no qual os participantes elaboram suas questões pessoais e coletivas na prisão, e que se tornou referência no que diz respeito a ações poéticas com resultados positivos na socialização de pessoas em situação fragilizada e nos índices de reincidência. A ideia das práticas artísticas comunitárias ativa em nós o desejo de comunidade, de coletivo, de partilha das coisas comuns. A utopia operada mobiliza lugares sociais definidos que não se cruzam, deslocando a experiência com o outro e provocando encontros improváveis, de diferentes pessoas, no ato de praticar o teatro. Amplos espetáculos, envolvendo muitos participantes, geram um processo de criação intenso, que envolve todos do início ao fim, e as poéticas emergentes contêm um equilíbrio ético e estético com eficácia artística e empoderamento.

Na mesma mesa, Paula Maracajá, bailarina, performer ativa em processos colaborativos, apresenta sua experiência com dança em presídios femininos. *Cárceres corpóreas* foi o nome da sua fala,

que trazia a dureza dos corpos nos modos predeterminados, naturalizados, de mulheres em presídios, cuja restrição não é apenas de liberdade de trânsito, pois os cárceres vividos são de diversas ordens. A partir de sua sensibilidade, move-se no contratempo dos ritmos, na dissonância da música, produzindo inquietações, cujo intuito é fazer ressoar nas internas e na dureza da instituição carcerária alguma experimentação de formas de estar e de se relacionar com o mundo, sem um enrijecimento reativo ainda maior. Inventava metodologias a partir da literatura para adentrar o espaço prisional, mobilizada também pelos questionamentos e problematizações que surgem na experiência e criam inversões na compreensão e na transformação recíproca que o projeto estético-político engendrado produz de possível, de jogo e de vida num sistema carcerário controverso e inerte.

Para contribuir com o debate, e com o intuito de promover a interlocução entre o Programa Interunidades de Pós-Graduação em Estética e História da Arte e as atividades do Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte e Corpo e Terapia Ocupacional, foram convidados o filósofo Dr. Ricardo Nascimento Fabbrini e a crítica de arte Dra. Katia Canton, ambos do PGEHA, e a terapeuta ocupacional Dra. Elizabeth de Araújo Lima, do PACTO. Em comum, eles apresentam a vontade de compreensão e de atuação no contemporâneo, guiada pela busca de uma poética para a vida (que é diferente da estetização da vida). Eles ainda incorporam o que Lula Wanderley propôs, durante sua fala, a respeito da conjunção “e”, ou seja, a vontade de provocar tensão entre arte e clínica, e não um simples hibridismo; de modo a resistir aos desafetos e produzir o desejo de uma comunidade de singularidades.

Foi um dia intenso, acompanhado por alunos, pesquisadores, professores e outros interessados, que vieram de diversas cidades com objetivo de tomar parte no encontro, ouvir, falar, estar junto. Foi possível perceber que a aproximação das artes e da clínica produziu e continua a produzir mobilizações no pensamento e na sensibilidade do século XX.

Algumas experiências tensionaram aberturas nesses campos, permearam fronteiras, inventaram lugares de enunciação mais flexíveis e aprofundaram o interesse estético-político sobre os dissensos decorrentes.

O I Seminário Internacional de Pesquisa: Experiências Poéticas e Políticas do Sensível foi, assim, um espaço de tentativas. Tentativas de articular questões que perpassam a produção em interface – arte, clínica, cultura e produção da saúde – com aquelas disparadas pelas precariedades de vidas enclausuradas, políticas ineficazes, corpos esquecidos. Nesse difícil e ao mesmo tempo instigante cenário, os que estavam presentes passearam, com as apresentações e os debates, por movimentos – às vezes mais solitários, mas de alguma forma muito povoados – que, em diferentes contextos e épocas, vêm se empenhando para que a vida possa extrapolar as amarras que lhe são impostas e ser vivida como obra de arte, como sugeriu Michel Foucault. Uma vivência de deslocamento da sensibilidade e adensamento do pensamento se formou no acompanhamento dessas diversas maneiras de ver, pensar e fazer arte e clínica nos dias atuais, e no entrever das suas ressonâncias políticas.